

Editorial

Estamos apresentando aos leitores o terceiro número da revista *Psicologia & Sociedade* do ano de 2006. Gostaria de iniciar esse editorial agradecendo a todos que têm colaborado com a revista ajudando-nos a manter sua política editorial de diálogo crítico, transformador e interdisciplinar entre a Psicologia e a Sociedade.

Primeiramente, aos autores que disponibilizam suas idéias às críticas e comentários. Sabemos que o debate acadêmico é um dos principais motores do desenvolvimento do conhecimento e que nos exercita à escuta, à argumentação e à humildade.

Aos consultores, que em meio a continua aceleração do trabalho, encontram um tempo para ler e dialogar com os autores. Trabalho importantíssimo e gracioso mas com grande significação acadêmica. Ao final desse número listamos os avaliadores que colaboraram com a revista no ano de 2006.

Ao Conselho Editorial que arbitra sobre as argumentações, contra-argumentações e modificações objeto de debate em cada texto. Todo esse rico processo infelizmente fica invisibilizado ao coletivo, uma vez que só tornamos público o resultado do mesmo na forma final do artigo.

À Comissão Editorial que aprende a superar a distância geográfica para manter o trabalho qualificado da revista.

À equipe de trabalho que cotidianamente mantém as diferentes tarefas que envolvem o operar de uma revista científica. Obrigada a Angeli Marasá e ao Daniel Smith pelo comprometimento com o trabalho. A todos que realizam os trabalhos técnicos imprescindíveis à qualidade do texto disponibilizado: revisores, editores, gráficos.

Aos artistas – e aos que se arriscam no plano das imagens – que nos fornecem a cada número suas poéticas visuais transformadas em nossas capas.

Aos colegas editores do Instituto de Psicologia da UFRGS pela possibilidade de compartilhar aprendizagens e um trabalho coletivo. À Lisiane Bizarro, editora da *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*; à Silvia Koller, *Revista Interamericana de Psicologia* e ao Sérgio Antônio Carlos, *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*.

Ao CNPq e a UFRGS pelo apoio recebido.

À Diretoria da Abrapso pelo empenho em fortalecer e dinamizar os laços que unem essa associação.

Aos leitores, motivo de nosso trabalho.

Os artigos do presente número analisam temas variados, tais como questões de subjetividade/identidade; gênero; práticas sócio-educativas formais e não-formais; mídia, tecnologia e representações sociais.

Abrimos o presente número com o trabalho de Maria Cristina Poli, intitulado *O sujeito na ciência: questões à bioética* no qual examina a problemática do sujeito na pesquisa tomando a perspectiva do enlace entre ciência e política. Para a autora há no discurso da ciência moderna a

manutenção de uma referência religiosa à verdade, dada como uma correspondência a um real que se coloca em uma posição de exterioridade ao próprio fazer da ciência. Posição essa que está em debate em várias áreas do conhecimento.

O tema da produção de subjetividade é tratado com mais ênfase em três artigos. Em *Dispositivo: um solo para a subjetivação*, Amadeu Weinmann discute a subjetivação e sua relação com a idéia de dispositivo, evidenciando tanto o sentido de assujeitamento como de sua possível desestabilização através da criação de formas de resistência. Leonora Corsini segue esse mesmo debate no artigo *Repensando a identidade no contexto das migrações*. A autora retoma a questão da identidade na perspectiva da produção de subjetividade baseada nos estudos atuais sobre migração, que segundo ela, estão pondo em questão algumas categorias tais como a de nação, a de identidade e a de cidadania. O tema da multiplicidade/subjetividade é trabalhado no artigo *Conversas entre Escher e Deleuze: tecendo percursos para se pensar a subjetivação* de Andréia Machado Oliveira e Tania Mara Galli Fonseca. Para as autoras a obra de Escher pode ser lida como testemunho de um modo de subjetivação abrigado na multiplicidade e na diferença.

A discussão sobre gênero e sexualidade são a tônica em três artigos. Maria Juracy Filgueiras Toneli e Juliana Perucchi no texto *Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero* fazem um importante alerta para não tomarmos igualdade e diferença como antíteses. Segundo as mesmas, essa armadilha faz com que o pesquisador seja levado a uma escolha infecunda, perpetuando a lógica binária. No artigo *Homens apenados e mulheres presas: estudo sobre mulheres de presos* Carmen Silveira de Oliveira e equipe buscam conhecer os estigmas e as estratégias de resistência de mulheres de apenados. Constatam a precariedade das redes sociais de apoio o que leva essas mulheres a tecer redes de parentesco, vizinhança e religiosidade como recursos de resistência. Leandro Castro Ultramari e Liliane Schuch Otto dão continuidade a temática da sexualidade e Aids no artigo *Conjugalidade e Aids: um estudo sobre infecção entre casais*. A partir de uma entrevista realizada com casais universitários, os autores constataram que os mesmos acreditam que estão menos vulneráveis à Aids pela confiança depositada no parceiro. Encontraram uma relação interessante entre confiança e controle, ou seja, o parceiro é confiável na medida em que se conhece a maioria de seus deslocamentos.

Um outro conjunto de trabalhos discute a educação em um sentido ampliado. Tal é o caso do artigo: *Circo social e práticas educacionais não governamentais* de autoria de Lilia Lobo e Tiago Cassoli. Tratam de uma relação instigante entre filantropia e arte. Para os autores, existem nas práticas do circo social analisado oportunidades para o exercício da resistência, ressignificando as marcas da pobreza e da violência dos jovens participantes. Embora

esses achados, os autores enfatizam que os processos criativos podem ou não acontecer. Leila Brito e colaboradoras analisam o modo como as crianças são ouvidas em processos judiciais em *A escuta de crianças no sistema de justiça*. As autoras constataam uma dicotomia nos modos pelos quais as crianças são ouvidas: a “infância em perigo” representada principalmente por crianças envolvidas em processos nos quais se faz necessário obter informações sobre a conduta dos pais e a “infância perigosa” que não se expressa. As autoras discutem as implicações de ambos modos de escuta. Em *Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto sócio-educativo*, as autoras Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa e Simone Gonçalves de Assis afirmam a possibilidade de sustentar intervenções com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade baseadas na Doutrina da Proteção Integral do ECA, no Paradigma da Promoção da Saúde e nos estudos da resiliência. Um importante apontamento das autoras é a necessidade de produzir intervenções que levem em consideração não somente o sujeito implicado mas os sistemas que os implicam, tornando-os também “resilientes”. Fechando esse bloco, *Saete Peters* e colaboradores, no artigo *Uma experiência em psicologia, educação e comunidade* discutem, propositivamente, a ação do psicólogo em contextos educativos.

Dois artigos tomam as tecnologias da comunicação e da informação como objeto de análise. Ana Maria Nicolaci, em *Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno* discute o controle das mães em relação a seus filhos com o uso de celulares. Evidencia um deslocamento da forma como o controle familiar se manifesta na contemporaneidade, no sentido de monitorar os percursos dos filhos. Algo semelhante à confiança dos casais nos

parceiros, comentada acima. A mídia impressa é tema do artigo: *Os Sentidos na Mídia: o MST em dois jornais diários* de Alexandre Bonetti Lima. O autor busca analisar as posições e intencionalidades das matérias sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Pontal do Paranapanema. Para o autor, o estudo revela uma polissemia dos sentidos veiculados nos jornais, muito embora haja uma distribuição desigual dos mesmos.

Mirian Cátia Vieira Basílio e Maria Lúcia Teixeira Garcia em *Vendas de bebidas alcoólicas: questões (im)pertinentes* evidenciam, a partir de uma pesquisa de campo em um bairro da Grande Vitória/ES, a pouca normatividade e fiscalização na venda de bebida alcoólica o que facilita o acesso a seu uso. Para as autoras, esse fato deveria merecer atenção das políticas públicas.

Fechando esse número apresentamos o artigo *Utilización del Modelo de Esquemas Cognitivos de Base (SCB) para la confirmación del núcleo de una representación social. Análisis del Movimiento Antiglobalización* de José Cárdenas Castro. O autor evidencia que os estudantes que participaram da pesquisa elaboram suas representações sociais do Movimento de Anti-Globalização a partir de certas categorias estáveis de juízo, como atestam estudos anteriores. Sustenta que a metodologia utilizada possibilitou evidenciar os elementos com maior conectividade e que estão em uma posição de centralidade da representação em questão.

Esperamos que a leitura dos artigos aqui publicados instigue a reflexão, o debate e a crítica, que pode se atualizar em outras futuras publicações.

Cleci Maraschin
Editora